confissões de família

(AS MARCAS DO ABUSO SEXUAL)

"Muitas vezes desejava que um dia ele me batesse tanto até eu morrer"

Desde que nasci, morei com uma avó de criação em Campinas. Com 9 anos, decidi vir para o Sul ficar com a minha mãe. Quem sustentava a casa era o primeiro companheiro dela. Eu ia para o colégio, brincava com a minha irmã, tinha amigos, gostava de soltar pipa, jogar bolita (*bola de gude*), montar casinha de boneca. Quando eu tinha 12 anos, minha mãe conheceu outro cara e tudo começou a dar errado. Ele espancou e expulsou o outro de casa. Não sei a data certa em que ele começou a fazer coisas comigo. Chegou carinhoso, dizendo que era um segredo nosso, de amigo, de pai. Só dava abraço. Contei para minha mãe, mas ela não acreditou. Um dia eu disse 'não', ele me bateu e continuou fazendo em mim. Ele me deixava de castigo no banheiro em cima de tampinhas de metal. Eu estava dormindo e ele vinha. Só queria que terminasse logo. Quando ele foi morar lá em casa eu já não estudava. Tinha rodado um ano. Com ele, tudo piorou. Tinha que cuidar da casa, cozinhar, lavar roupa. Depois de um tempo, ele decidiu colocar todos os podres na mesa. Essa é outra parte complicada. Minha mãe me culpou, disse que eu estava seduzindo ele. Aí começou, como eu vou dizer, uma orgia. Ela participou, chegou a tocar em mim. No primeiro dia da orgia, ele me bateu e trancou a casa toda. Era de noite, não tinha o que fazer. Hoje, acho que foi uma maneira de ela me punir. Fiquei doente, com pedra nos rins e convulsão, internada uma semana no hospital. Quando voltei ele disse que ia parar. Mas continuou. Ele era meu dono, mas eu nunca quis ele. Só não tinha para onde fugir. E, me matar, não tinha coragem. Muitas vezes desejava que um dia ele me batesse tanto até eu morrer. Teve uma época que ele queria me colocar numa casa de prostituição. Os vizinhos sabiam, mas tinham medo dele. Minha mãe contou para o pastor, que não fez nada. Até que um dia uma senhora, amiga da minha mãe, disse que estava precisando de uma menina para trabalhar com ela por um mês. Como era pouco tempo, o cara deixou. Eu contei tudo para ela. Antes de me levar no conselho tutelar, de onde fui para duas casas de passagem, passei em casa. O cara tinha saído e minha mãe me ajudou a arrumar as malas. Eu estava com 16 anos. O pessoal da casa tentou achar meus parentes, um irmão, meu pai que não conheço, o pastor da igreja. Mas ninguém quis ficar comigo. Até que a assistente social, que hoje chamo de madrinha, me convidou pra ficar com ela. Já estou há cinco anos lá. Consegui voltar a estudar e jogar futebol. Refiz meus documentos, que o cara tinha queimado, estou no 3º ano e quero fazer Educação Física. Já cheguei a ter uns namorados, mas nada sério. Tenho medo de me decepcionar. Não quero contar o que aconteceu para ninguém. Que diferença vai fazer na vida das pessoas? A única coisa que tenho hoje são os pesadelos. Nunca vai passar. Não sei se quero ter filhos. Queria ser uma super-mãe. Não cometer os mesmos erros que ela cometeu comigo. Faz um tempo que não vejo minha mãe. A última vez foi em 1999, em um shopping. Ela continuou a não acreditar em mim. Às vezes, admite e diz que ele estava com diabo no corpo quando fazia as coisas. Fala que não está mais com ele, mas está. Vi os dois em uma festa. Até pouco tempo, eu me sentia culpada por tudo. Até hoje, de certa forma, me sinto. Quando o vejo, sinto ódio. Uma vez estava saindo do conselho tutelar e dei de cara com ele. Aí eu me segurei na minha madrinha, tremendo de medo, e disse: olha ali o cara. Ele veio daquela maneira dele, impondo: 'Tu não vai falar com a tua mãe'. Eu disse 'não, não vou'.

FERNANDA, 22 ANOS, MORA EM PORTO ALEGRE. A MÃE PERDEU NA JUSTIÇA A GUARDA DA FILHA. O PROCESSO CONTRA O PADRASTO ESTÁ PARADO

criança como objeto

O abuso sexual é uma agressão que esconde uma estrutura cultural machista e conivente com a violência doméstica. Nesse contexto, a criança é vista como uma propriedade dos pais. Não representa um ser humano em processo de formação e descoberta.

Quem sustenta possui os filhos. De dono para abusador, basta um passo. "Ainda mais fácil de ser dado quando a criança tem alguma deficiência física ou mental. Nesses casos, além de enxergar a vítima como objeto, o abusador age certo de que, se denunciado, ninguém acreditará", explica a psicóloga Sílvia Helena Koller, coordenadora do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Sob a coordenação da pesquisadora, os estudantes da UFRGS encontraram adolescentes que fugiram de casa para as ruas. Na maior parte dos casos, eles presenciaram relações sexuais na infância, foram assediados e abusados por pais alcoólatras ou deprimidos por causa do desemprego. Para manter a violência em segredo, os agressores contam com a conivência dos vizinhos, convencidos de que é sempre melhor não se meter na vida alheia.

Outro fator cultural facilitador dos casos de abuso é a valorização exacerbada da sexualidade. As danças infantis há muito deixaram de ser ciranda-cirandinha para se tornar "bota a mão no joelho e dá uma abaixadinha". Confusos com a curiosidade dos pequenos pelo corpo, os abusadores vêem na coreografia um sinal de desejo das crianças. Quando essa justificativa não é suficiente, encontram no demônio a explicação para o abuso.

Os conflitos entre mãe e filha também contribuem para a violência sexual. A psicóloga Maria Cristina Vasconcelos de Mendonça, coordenadora da Casa de Passagem de Recife (PE), conta que, na maior parte dos casos, as meninas que procuram ajuda vêm de famílias nas quais a mãe vive em busca de um homem capaz de lhe dar tranqüilidade financeira.

"Essas mães são mulheres infantilizadas, abusadas no passado, com dificuldade de conversar sobre sexo e que disputam o papel de musa da casa com a adolescente", descreve Maria Cristina, autora do livro *Pedagogia da Violência, as Relações de Poder entre Mãe e Filha*. A psicóloga atende cerca de 100 adolescentes que participam de oficinas de música, dança e teatro na Casa de Passagem. "Damos a elas o reforço emocional necessário para que elas se defendam da violência no lar."

SEXUALIDADE NATURAL

Desde o nascimento, o ser humano tem uma carga de energia sexual. A diferença entre o desejo que surge no desenvolvimento natural para o comportamento que reflete um abuso é a antecipação das fases ou a prática excessiva de algum comportamento. A partir dos 3 anos de idade, a criança entra numa fase conhecida na psicanálise como "genital". É quando o menino ou menina começam a brincar com o próprio sexo e a querer descobrir a sexualidade dos outros. "As brincadeiras sexuais, desde que naturais, são importantes para a formação sexual dos futuros adultos", explica Angélica Tavares, psicóloga especializada em sexualidade humana.

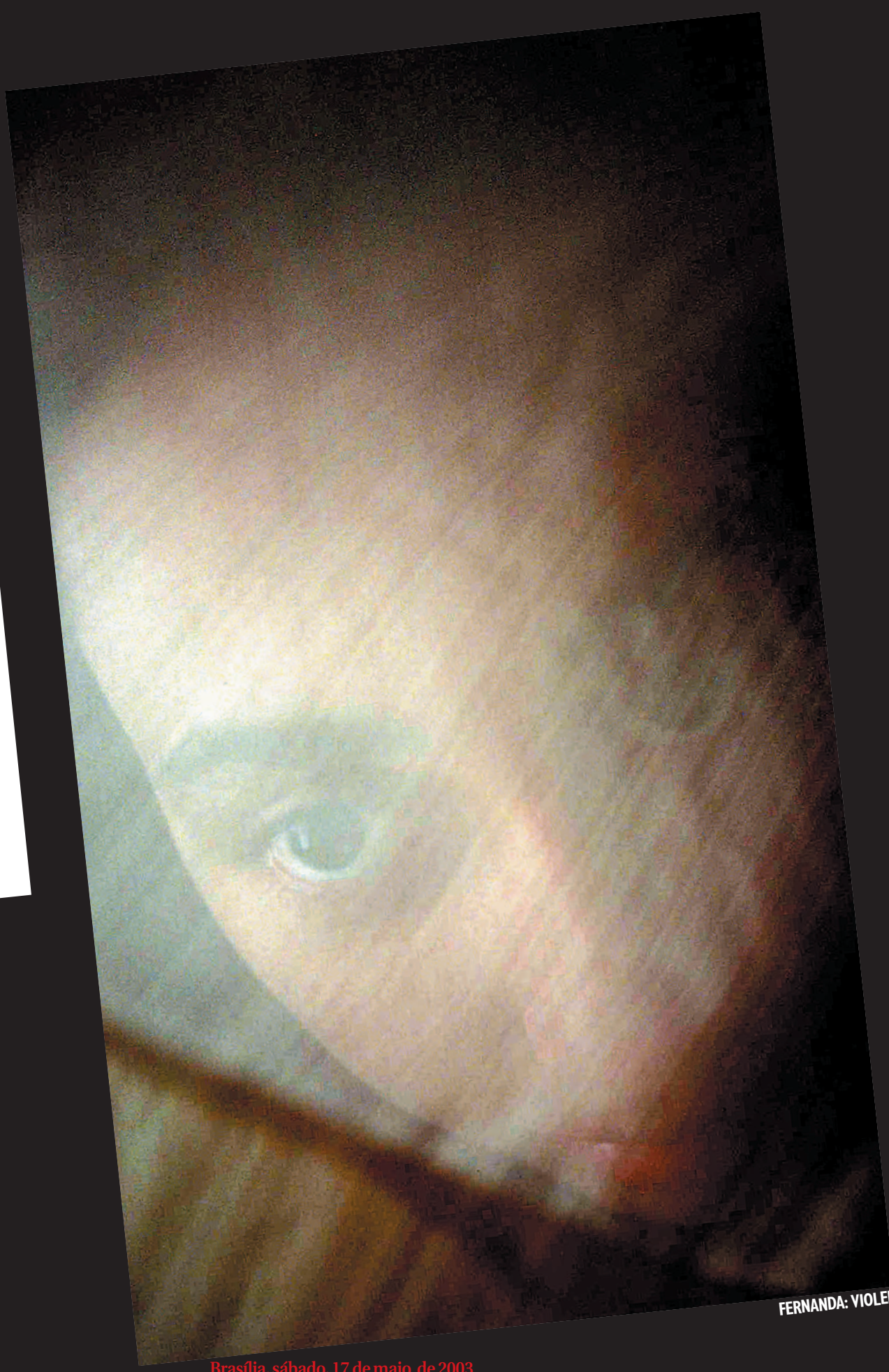
SINAIS EM PALAVRAS E GESTOS

Criança não esconde o fato de ser vítima de abuso. No início, ela conta. Quando se vê desacreditada ou desvalorizada, cala-se. Às vezes, a história é relatada com sinais do corpo. Ela passa a fazer xixi na cama, fica muito triste e reclusa de uma hora para outra. Outras vezes, ela fala mesmo, com todas as palavras. Aos responsáveis, cabe entender e, principalmente, acreditar.

Suspeite de abuso se a criança apresentar vários destes sintomas:

- altos níveis de ansiedade
- baixa auto-estima
- distúrbio de sono
- distúrbios na alimentação
- xixi na cama
- distúrbios no aprendizado
- comportamento muito agressivo ou apático
- abatimento profundo
- comportamento sexualmente explícito
- masturbação visível e contínua, brincadeiras sexuais agressivas
- desconfiança em adultos, especialmente os mais próximos
- não participação de atividades escolares, ter poucos amigos
- relutância em volta para casa
- idéias de suicídio
- fugas de casa

(Fonte: Livro Abuso Sexual — Mitos e Realidades, organizado pela Abrapia; Editora Autores&Agentes&Associados)



FERNANDA: VIOLENTADA PELO PADRASTO AOS 12 ANOS